

## **Belisário Pimenta, historiador\***

ANTÓNIO DE OLIVEIRA  
Universidade de Coimbra

**1. Habituação à convivência com os historiadores quinhentistas, que versaram acontecimentos do seu tempo, não posso dizer que desconheço os riscos a que me exponho ao evocar uma figura coetânea. Assumo-os, habituado que estou a desempenhar uma profissão de risco: o professor está quotidianamente submetido a uma avaliação contínua. Por isso mesmo, e em *minha* defesa, direi que se o historiador do imediato - o jornalista -, protege as suas fontes por um segredo que a lei não permite violar, o historiador, porque faz ciência.**

*\* Texto lido na Biblioteca de S. Pedro, por ocasião da abertura ao público da parte do espólio do coronel Belisário Pimenta legado à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Conserva-se a forma da primeira redacção do texto, a qual foi facilitada pelos escritos do doador, que por vezes incorporamos, devidamente assinalados, os quais lemos de *um* fôlego. Ao texto de circunstância apresentado em 1993, forçosamente redigido em pouco tempo, acrescentam-se, agora, apenas algumas notas.*

Ao incluí-lo num volume de homenagem a Sérgio Soares, também cultor da história local, espero que as lembranças se renovem a volta de um objecto historiográfico bem amado em tempo de globalização. Belisário Pimenta, por outro lado, é um inovador da historiografia em Portugal ao procurar, desde os finais dos anos trinta do século XX, uma história das ideias e não apenas *factual, aplicada ao âmbito militar*.

procede exactamente ao contrário: expõe ao público as fontes dos arquivos do passado<sup>1</sup>. Dos arquivos, fontes da vida, é que esperamos a água do sabor histórico.

Não conheci pessoalmente Belisário Pimenta, nem consultei fontes orais<sup>2</sup>. Em *compensação*, convivi assiduamente com Belisário Pimenta, durante algumas semanas, através dos manuscritos e dos livros que legou a esta Biblioteca. Biblioteca que foi sua desde que se inscreveu no primeiro ano da Faculdade de Matemática e lá ao fundo, sob o olhar vigilante de D. João V, lia as crónicas dos reis pensando na república e dando tempo a que os praxistas abandonassem o pátio da Universidade para que o cabelo, a imitar Garrett e António Nobre, não destoasse do laço que gostava de usar sobre o colarinho alto do ambiente neogarrettiano de Coimbra. Convívio que me foi permitido, ao aceitar a honrosa incumbência proposta pelo Senhor Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, e me foi facilitado pela gentileza dos técnicos superiores e seus colaboradores, a quem publicamente renovo os meus agradecimentos.

2. Belisário Pimenta, como surge da minha leitura dos documentos, foi, ao longo da vida, sempre idêntico a si mesmo pela firmeza do carácter, a tenacidade do republicano e a emotividade anticlerical. Sob esta identidade, porém, pulsaram muitas contradições cuja síntese, ao exprimir-se *como* decisão, *nem* sempre foi a mais adequada ao momento em que foi tomada. Com efeito, quis ser historiador e seguiu a carreira das armas; pretendeu, em jovem, endireitar o mundo - ou pelo menos Portugal - e a revolta estudantil de 1907 entortou-lhe a vida. E, contradição das contradições, quis afirmar-se através de uma sincera modéstia, que não tinha força para o levar a lugar secular nenhum. Como se tivesse seguido à risca o autor das *Palavras Loucas*, seu amigo de sempre: «A vida é a incoerência, vista de perto, no seu aspecto episódico. De muito alto, a vida é a coerência na incoerência, o equilíbrio no desequilíbrio»<sup>3</sup>. Por isso afirmo, com sinceridade e empatia, que se fosse necessário dar um sentido a estas palavras que estou a ler, não acharia outro mais adequado do que este:

<sup>1</sup>Sobre «história sem historiadores», Pierre Nora, *Presente*, in Jacques Le Gof. Roger Chartier e Jacques Revel. dir., *A Nova História*. Coimbra: Almedina. 1990. p. 529 s.; Jean Lacouture *Uma nota sobre a História imediata*, in Jacques Le Gof, Roger Chartier e Jacques Revel, dir *A Nova História*.... p. 314 s.

<sup>2</sup>Nome completo: Belisário Maria Bustorf da Silva Pinto Pimenta. Com este nome assinou alguns (poucos) escritos.

<sup>3</sup>Alberto de Oliveira. *Palavras loucas*. Coimbra: F. França Amado Editor, 1894. p. 45.

Belisário Pimenta, historiador; historiador, sendo militar de profissão; historiador autodidacta, exterior às Universidades; historiador que na década de trinta foi capaz, por imperativos de luta politico-social, defesa própria e capacidade de inovação, reconverter-se da história positiva à história das mentalidades, antecipando-se aos universitários pelo menos em 30 anos.

Tenho como certo, com efeito, que a maior honra que se possa prestar ao coronel Belisário Pimenta, neste momento e neste local, será precisamente evocar, na multiplicidade una da sua personalidade, as qualidades de historiador e, sobretudo, o historiador local e das ideias militares

Pelo desenvolvimento dos estudos históricos e literários na formação cultural do militar, nomeadamente entre os comandos, se bateu Belisário Pimenta até ao ponto de ser derrotado no exame para o generalato. Derrota que fez dele um historiador das ideias, permitindo-lhe conquistar, afinal, um lugar destacado na posteridade, na qual, em boa verdade, soube investir através da vida e da obra.

3. Belisário Pimenta criou e assinou a sua primeira obra quando tinha doze anos de idade incompletos. Na chapa de buxo da tipografia do avô, e sob o incitamento pedagógico do tio Albino<sup>4</sup>, um dos referentes da sua educação, desenhou e abriu a primeira gravura: uma linha traçada à régua na madeira, figurando um caule débil, o qual desabrocha numa flor estilizada em oito pontas de estrela. Dois pares de folhas lanceoladas encantam o ramo, dando-lhe vida. Flor que não é árvore, que se prende à fantasia do solo pelo peso desproporcional das duas iniciais de Belisário Pimenta. «Figura defeituosa, insegura, transpirando inexperiência por todos os lados», dirá o autor muitos anos depois. Em todo o caso, direi eu, é uma flor. Belisário conhecia Coimbra e a tipografia sobre a qual nasceu. Tinha brincado em Miranda do Corvo, passado férias no Luso, na Figueira da Foz e permanecido durante oito meses na ilha da Madeira, para onde o pai foi transferido para efeitos de promoção. Tinha redigido o seu primeiro jornal, a lápis. *As Novidades*. Tinha-se entusiasmado, reflectindo as vivências dos adultos com quem vivia, com a proclamação da república no

<sup>4</sup>Albino Caetano da Silva Pinto. Um artista com um «progressista» que profundamente influenciou o *sobrinho*. Veio a ser vereador em a primeira vereação republicana nomeada em Coimbra em 1910, presidida por Sidónio Pais, e depois por António Augusto Gonçalves. Foi governador civil em 1913. (Belisário Pimenta, *Albino Caetano da Silva Pinto...*, p. 11). O avô materno, proprietário da tipografia, chegou a ser procurador à Junta Geral do Distrito. Sigo informações de Belisário Pimenta.

Brasil (15 de Novembro de 1889) e dado vivas à república portuguesa, em sua casa, quando se julgava, inicialmente, vitoriosa no Porto, em 31 de Janeiro (1891). Mas na hora de se revelar como gravador, desenhou apenas uma flor desenraizada<sup>5</sup>.

Botanicamente, a flor não é identificável. Não sei se as estrelas eram as do céu ou os picos das serras que fechavam Miranda do Corvo onde, no «fundo da caldeira», na planície, as folhas do milho verde vicejavam<sup>6</sup>. Uma flor não é uma aldeia, uma «aldeia é da frescura e tamanho de um cabaz de flores», escreveu o confidente do tio Albino, em matéria de Anto, o poeta Alberto de Oliveira<sup>7</sup>.

A flor do sensível Belisário não é de nenhum jardim, de nenhuma aldeia, porque a bondade e fraternidade não têm fronteiras. Quem gosta de árvores, de flores, não é um ecologista. É uma alma bondosa, tecida de fantasia, sensível ao belo, à música e à poesia. O seu camarada Floro Henriques, com a seriedade conselheiral que punha nos seus juízos superiores, retratou-o com uma penada em sobrescrito de uma carta de 1907: «Ao generoso e bom Belisário se apraz em muito saudar o Floro». Assim mesmo!

<sup>5</sup> Para a própria experiência e dos tios como gravadores: Belisário Pimenta. *Memórias dum aprendiz de gravador*-. Coimbra. 1961; idem. *Albino Caetano da Silva Pinto. Gravador em madeira (1859-1928)*. Guimarães, [s. n.]. 1949. Separata de «Revista de Guimarães», 59; idem. *Rafael Pimenta: gravador em madeira, 1850-1931*. Coimbra: [s. n], 1952. *Sep. «O Instituto»*. 115. Belisário «gravou com desvanecimento certas chapas com desenhos» de António Augusto Gonçalves, cuja memória recordou, mais de sessenta anos depois, creio que ao tempo do seu falecimento: «Ficou-me, para a vida, a influência da sua intransigência política, de um anticlericalismo, do seu aprumo, da sua dura honradez e até um pouco, senão bastante, das suas atitudes perante certas imposições de consciência». Belisário Pimenta deixou escrito que tinha 11 anos e meio quando começou a fazer os primeiros traços sobre uma chapa de buxo coberta de alvaiade, acrescentando: «Por todo o ano de 1891 gravei 18 chapas e nos dois anos seguintes continuei na tarefa quando havia motivo [...] até à grande gravura da capa da obra do Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, acerca da Rainha Santa [a qual] terminou a minha carreira de artista gravador nos fins do ano de 1893». Certamente porque se mudou para a rua de Tomar.

<sup>6</sup> Belisário Pimenta. *Miranda do Corvo: a sua paisagem e um pouco de sua história*. Coimbra: Sociedade de Defesa e Propaganda, 1959.

<sup>7</sup> O tio cuidava da Torre de Anto, alugada por Alberto de Oliveira, ausente de Coimbra. Sobre o «guarda-mor» da sua Torre, escreveu o poeta: «Não quero fechar estas linhas sem evocar a saudosa memória do meu velho e dedicado amigo Albino Caetano da Silva, que foi em vida o meu confidente nesta paixão por Coimbra e que, desde os meus tempos de estudante, me acompanhou sempre com fiel simpatia nos meus passos mais ou menos felizes que fui dando pelas Letras». Albino da Silva, convém acentuá-lo pela influência que exerceu cm Belisário, ficou assim caracterizado: «Desde a inteligência à bondade, nada lhe faltou para merecer a estima dos seus semelhantes, nem sequer a irredutível modéstia com que sinceramente se empenhou a desvalorizar-se aos próprios olhos e cm apagar-se perante os estranhos». (Alberto de Oliveira. *Coimbra Amada. (Últimos versos)*. Porto: Maranus, 1930, p. 98-100)

Por esta altura, o alferes Belisário reconhecia no amigo a serenidade racionalizada do *domínio que sobre* ele mantinha, o que dá foro de veracidade ao endereço. E muito antes, ao tempo em que nas horas vagas da adolescência a despontar gravava na oficina da família, Trindade Coelho, que compreendia a fala das árvores, da paisagem e dos animais, tinha em Belisário um dos seus amores, o Belisário com que assinou as composições dos dois primeiros anos de actividade literária. Foi Belisário Pimenta que gravou um timbre para o seu papel de carta: um coelho ladino, cheio de liberdade e fantasia juvenil, a passar com despreocupação atrevida por detrás do tronco do T (inicial de Trindade), plantado bem firme dentro de um C grande, maiúsculo, inicial, a um tempo, de Coelho e de Campo de liberdade. Cheio de ternura pela sensibilidade de Belisário, Trindade Coelho agradeceu-lhe em carta, do fundo do coração: «Obrigadíssimo rapaz e querido artista».

Era a sensibilidade artística a despontar, que mais tarde lhe faria chegar lágrimas aos olhos ao ouvir a Pastoral de Beethoven (*Opus* 68, sinfonia n.º 6) ou ao ler algumas poesias de Miguel Torga. Emoção do rústico, do campestre, do violinista romântico na Escola do Exército, pela vibração interior da contemplação do campo de «um incompreendido [como Beethoven], sempre a lutar contra um destino adverso», como o seu, ou pelo apego à mãe telúrica, acolhedora no seio silencioso e terapêutico, das frequentes crises de melancolia, de depressão, que o assaltavam pela vida, desde criança.

Ao *nascer*, *nenhum Mestre* Guedelha, certamente, leu nos astros o seu futuro. Mas Belisário Pimenta, perante a sua vida, não deixa de acentuar que foi mesmo numa sexta-feira, dia aziago (o dia 3 de Outubro de 1879) que nasceu num quarto de duas janelas voltadas para o Norte, donde o sol criador não nasce nem se põe, mas onde se situa uma estrela guia\*.

A flor estrelada que desenvolveu e gravou aos quase doze anos, *transformou-*

\* Uma fotografia da casa, situada na Praça do Comércio e ostentando o reclame da «Tipographia de Manuel Caetano da Silva com depósito de papeis impressos», encontra-se publicada entre as p. 16-17 de *Bibliografia de Belisário Pimenta*. Coimbra, 1974. Sep. do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. XXXI. *Vide* também Belisário Pimenta, *Memórias de uma tipografia*. Coimbra. [s. n.], 1970. Sep.: «Arquivo Coimbrão». XXXV. Escreveu nas suas «memórias» que nasceu em 3 de Outubro de 1879, sexta-feira, pelas *nove* horas da noite, no segundo andar do prédio n.º 11 da Praça do Comércio, no quarto que tem duas janelas do lado norte». Foi baptizado em 26 de Novembro, sendo padrinho o tio João Caetano da Silva, «ainda no Brasil», c madrinha a tia Amélia da Conceição. O avô materno emigrou de Miranda do Corvo para Coimbra, onde ganhou fortuna. A tipografia pertencia-lhe, embora, na prática.

-se, trinta anos depois, no ex-libris, pela altura em que passou à reserva no exército e inaugura a sua segunda vida, renascendo da morte miliciana. A segunda vida, a que sempre sonhou, toma como lábaro, como síntese, a flor da infância, que forçosamente sempre foi verde. Mas agora é uma esperança cheia, é todo o campo e não apenas o ramo que se tornou verde. A esperança da juventude alarga-se finalmente, enriquece-se, acrescenta-se.

A esperança maior, a esperança de sempre, foi, no plano político, a república e, no plano da realização intelectual, no plano das coisas sérias, a História. Uma e outra chegaram em tempos diferentes. Mas chegaram. Primeiramente veio a República, no espírito da qual se educou o jovem Belisário, nascido por cima das oficinas e do escritório da tipografia da família materna. Aqui viveu até aos finais de 1893, altura em que se mudou com os pais e as irmãs para o nº 7 da Rua de Tomar, uma casa acabada de construir nos novos arruamentos da Quinta de Santa Cruz<sup>9</sup>.

O leite cultural da meninice bebeu-o por entre operários de tipografia e seus clientes, frequentadores do rés-do-chão e do primeiro andar da casa onde nasceu, ou convivas do café Marques Pinto. Com os primeiros - e alguns dos segundos -, se fez anarquista, republicano e anticlerical. Nasceu e morreu republicano, mas não nasceu anticlerical, embora desde cedo a religiosidade que a mãe lhe incutiu tenha desaparecido. Com os clientes da tipografia - alguns deles frequentadores da casa do avô -, ganhou o gosto das letras, tendo desempenhado influência fundamental, para além do tio Albino, personalidades como António Augusto Gonçalves, Eugénio de Castro, Trindade Coelho, Agostinho de Campos, Alberto de Oliveira, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos e muitos outros à volta dos quais rodava quando vigiavam a composição e impressão das suas obras ou afectuosamente os ouvia no aconchego da hospitalidade do tio e do avô<sup>10</sup>.

4. Belisário Pimenta, como ele se considerou, ao ser admitido, em 28 de

fosse dirigida pelo irmão Albino, mais novo. A mãe casou em 1875 com um funcionário dos correios e telégrafos, vindo do Barreiro. O seu tio Francisco Assis Pimenta cursou o seminário de Coimbra, onde tomou ordens e formou-se em Direito. Entrou como capelão do marquês da Foz, no palácio dos Restauradores, e foi perceptor dos filhos. O futuro conde da Foz matriculou-se em Agronomia. O tio, para o acompanhar, tirou também Agronomia. Informações colhidas no espólio. Não verifiquei os dados.

<sup>9</sup> Uma fotografia do seu gabinete de trabalho nesta rua, datada de 1908, encontra-se publicada na já referida *Bibliografia de Belisário Pimenta...*, colocada entre p. 32-33.

<sup>10</sup> «Esta tipografia, que teve uma larga influência na determinação dos pendores intelectuais

Janeiro de 1966, na Academia Portuguesa da História, pouco tempo antes de morrer (1969)<sup>11</sup>, era um homem do século XIX, tendo alinhado, no ambiente cultural coimbrão, não na conhecida geração literária de 90, de carácter tradicionalista e nacionalista, mas na de carácter politico-revolucionário, voltada para o futuro novo sem fronteiras, onde militaram também, mas sem persistência, alguns da outra facção. Foi Afonso Lopes Vieira (1878-1946), recorde-se, que traduziu para português a carta *À Gente Nova*, de Kropotkine, mensageira sedutora dos jovens anarquistas<sup>12</sup>.

O jovem Belisário Pimenta, como muitos outros jovens estudantes, era, efectivamente, um anarquista. O anarquismo, define então Belisário, exclui, de modo absoluto, «todo e qualquer preconceito; inclui a ausência de crenças, sejam elas quais forem; admite unicamente, e simplesmente, a igualdade absoluta» e traduz-se pela forma «sem deus, sem pátria nem rei».

O anarquismo era, assim, «a doutrina da justiça, da igualdade, do amor», mas também o era da revolta. Revolta no sentido do progresso e, por isso, revolta contra a escravidão submissa do franquismo. Como escreveu, «Tudo quanto seja avançar é progredir; tudo quanto seja ir para a frente é libertar».

A primeira tentativa de libertação da geração de Belisário Pimenta surgiu com o levantamento dos estudantes, em Fevereiro de 1907. A reprovação, na sala dos capelos, de um candidato a doutor em Leis, foi apenas um precipitante. Os estudantes sentiram em si próprios a agressividade dos lentes, cujo relacionamento pedagógico contestavam. Os estudantes da *Coimbra Amada*, segundo o poeta, preferiam, em vez das aulas frias e insensíveis, evadirem-se com ardor, quais «filhos pródigos, das páginas dos códigos / para as terras de sonho e céus de amor...»<sup>13</sup>. A revolta, porém, não radicou neste antagonismo, mas, como se exprimiu António José de Almeida no Parlamento, «no impulso generoso duma conquista de pensamento»<sup>14</sup>.

do nosso biografado, tinha no rés-do-chão as máquinas tipográficas, ficando no primeiro andar a oficina de composição e os escritórios com o balcão de venda. Quanto ao armazém de papel e arquivo da tipografia, ficava no Beco dos Prazeres, ligando com o Largo do Romal». (*Notas biográficas*, in «Bibliografia»..., p. 5). A habitação ficava no segundo andar.

<sup>11</sup> O discurso de agradecimento que pronunciou, que também se encontra no espólio, foi publicado no «Boletim da Academia Portuguesa da História», 30, 1966, p. 86-90.

<sup>12</sup> Pedro Kropotkine, *À gente nova*. Versão de Afonso Lopes Vieira. Lisboa: Livraria Editora viúva Tavares Cardoso, 1904. Outra edição: Pedro Kropotkine, *À mocidade*. Trad. Afonso Lopes Vieira. Porto: A Comuna, 1922. Obra também reeditada em 1974.

<sup>13</sup> Alberto de Oliveira, *Coimbra amada...*, p. 43, soneto *O Lente*.

<sup>14</sup> Vide, por exemplo, Marques Guedes, *Os últimos tempos da monarquia: 1890 a 1910*, in

A acção que eclodiu no pátio das escolas, depois da proclamação do resultado do doutoramento, não teve, segundo julgo, cabeças de motim, tal como estes são definidos pelo código penal, embora os estudantes presentes estivessem todos em atitude expectante, dado que antes das provas corria já a reprovação como certa<sup>15</sup>. O Conselho de Decanos, no entanto, pressionado pelo governo, individualizou sete bodes expiatórios, expulsando-os.

Desde o início, a academia solidarizou-se, entregando nas mãos do Reitor, antes de ser demitido e substituído por outro da confiança pessoal de D. Carlos, o nome dos responsáveis: o anuário da Universidade, os estudantes todos.

Ao gerir e ao sufocar a greve, que teve o apoio de todos os estudantes de Coimbra, salvo os militares, e os do ensino superior e técnico do país, o governo imputará a responsabilidade da acção aos republicanos<sup>16</sup>. A juventude revolucionária, com efeito, pretendeu aproveitar o movimento para fazer correr, em seu favor, o advento dos tempos novos, mas esqueceu-se dos padrões de actuação dos adultos.

Belisário Pimenta era então alferes do Regimento de Infantaria 23, em Coimbra, e, como outros militares, frequentava a Universidade, onde se encontrava matriculado no segundo ano da Faculdade de Matemática, na qual já estivera inscrito, tempos antes, nos preparatórios para a Escola Naval ou Escola do Exército.

Ao inscrever-se de novo, depois de frequentar a escola do Exército e ter sido admitido no quadro dos oficiais, Belisário Pimenta sonhava em abandonar a vida militar, embora, de novo, tivesse escolhido mal: pretendia formar-se em Engenharia Civil.

Damião Peres, dir., *História de Portugal*. Vol. II. Porto: Portucalense Editora, p. 442-443. Belisário Pimenta deixou um diário manuscrito, «ao correr da pena», sobre os acontecimentos. Um outro interveniente, um dos expulsos, Alberto Pinheiro Xavier, editou *História da greve académica de 1907*. Coimbra: Coimbra Editora, 1962. Na p. 288, o autor refere-se a Belisário Pimenta como «Homem de perseverante e incansável trabalho, character independente, nobilíssimo...». Sobre a época, dispomos hoje da diss. de Manuel Alberto Carvalho Prata, *A Academia de Coimbra (1880-1926). Contributo para a sua história*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2002.

<sup>15</sup> Os protestos iniciaram-se em 28 de Fevereiro de 1907 e continuaram no dia seguinte, primeiro de Março. Cronologia, apreciações críticas, narrativas, biografias e documentos na obra de Alberto Xavier, *História da greve académica de 1907...*; apreciação de conjunto, Manuel Alberto Carvalho Prata, *A Academia...*, p. 473 s.

<sup>16</sup> A Universidade foi encerrada em 2 de Março. O Conselho de Decanos profere os castigos no primeiro de Abril. A Universidade reabre no dia 8. Os estudantes não comparecem, tendo aderido à greve geral os estudantes liceais de Coimbra. Em 15 de Abril, o governo fecha todos os estabelecimentos de ensino superior e técnico.

O movimento estudantil, porém, apanhou-o. E em vez de guardar as distâncias que a sua farda de militar exigia, resolveu ser antes de tudo um cidadão solidário com os sete colegas expulsos. A solidariedade era flor espontânea do seu jardim sem fronteiras, onde quer que a injustiça brotasse. Na Escola do Exército, a participação numa greve ao café, em solidariedade com um camarada, injustamente punido segundo o pulsar do coração e não da rotina dos regulamentos disciplinares, valeu-lhe quatro dias de prisão registados na caderneta do pré. Agora, a solidariedade com os 160 intransigentes, os leais para com os sete excluídos, conduzi-lo-á ao desterro para Caçadores 3, em Valença do Minho, nos confins de Portugal, onde «a civilização acaba e a barbárie começa».

Belisário, que tinha sido iniciado em 11 de Novembro de 1899 nos sagrados mistérios da maçonaria, na loja capitular Academia Livre, cujo templo estava instalado na sala de jantar da república situada no n.º 11 da Rua das Esteirinhas<sup>17</sup>, tinha-se comprometido, muito a fundo, com a greve, da qual deixou, como era seu hábito, um circunstanciado diário dos acontecimentos entre Fevereiro e Junho de 1907, período da eclosão do movimento ao seu desterro para Valença. Com efeito, escreve o alferes Belisário, «reconheci a legitimidade e a oportunidade da greve; preguei e aconselhei a greve; fui, enfim, declaradamente um grevista». Como tal, o comandante do Regimento colocou-lhe nas mãos uma guia de marcha para Valença do Minho e nas do ministro da guerra um relatório das suas ideias e atitudes. A um tempo, a sua dupla utopia, a da solidariedade revolucionária da juventude e a da engenharia civil, desfez-se. Não encerrando matrícula, perdendo o ano, Belisário estava condenado a seguir a carreira das armas, para a qual, pela cultura, sensibilidade e pacifismo universal nunca esteve talhado<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> «Instalada em velho casarão misterioso, cheio de corredores, de escadas, de cantos e recantos sinistros [...]». Existe, por volta do actual n.º 7, uma grande casa. (A Rua das Esteirinhas é ainda hoje «curta, estreita e turtuosa ruela de ligação da Rua Joaquim António de Aguiar com os Palácios Confusos»; José Pinto Loureiro, *Toponímia de Coimbra*. Vol. I. Coimbra: Edição da Câmara Municipal, 1960, p. 348). A academia concedia graus. «O primeiro que se abalançou à Licenciatura, o Artur Nunes, apresentou como dissertação «Importância para Portugal da independência do Brasil».

<sup>18</sup> Os alunos expulsos acabaram por ser readmitidos e fazer exames, assim como os «intransigentes», no próprio ano ou no seguinte. (Alberto Xavier, *História da greve académica de 1907...*, p. 311 s.).

5. Na correspondência de Belisário Pimenta, datada de Valença, aparece uma misteriosa entidade denominada *Ella*. Os alferes são, como se sabe, «o terror do inimigo e o encanto das mulheres»<sup>19</sup>. Em Valença, Belisário cultivou um amor platónico figurado por uma moça morena de olhos aciganados e em Espanha olhou, francamente, para as espanholas e, de modo repulsivo, para as touradas. *Ella*, porém, começou a sair debaixo do manto diáfano da fantasia que a encobria, seguindo a imitação formal do seu então divino, mas inimitável Eça, para aparecer nos restaurantes de Coimbra, que Belisário Pimenta volta a frequentar, com os companheiros, depois do seu regresso a Infantaria 23, após o regicídio, ocorrido no primeiro de Fevereiro de 1908. Nas mesas alegres do João Magrinho, do Cabral e do Julião, depois do néctar os desinibir, «corria a rodos a alegria e brindava-se então por *Ella*, essa *Ella* que, como o rei D. Sebastião, há-de vir um dia, numa alegre madrugada romântica», como vaticina Belisário.

À medida que o tempo passa, «*Ella*, esplêndida e admirável», começa a anunciar-se triunfalmente no horizonte. Nas vésperas de *Ella* se descobrir, Belisário é colocado longe, no «Portalegre triste e Alentejo ingrato», pelos cuidados cautelares da polícia monárquica. Mas estava de novo em Coimbra, cronometricamente presente, quando a força dos conspiradores começa a vencer.

De uma conspiração, pela sua essência, não costumam ficar documentos escritos. Graças aos registos de Belisário Pimenta, conhece-se, no pormenor, como a conspiração republicana se desenvolveu em Coimbra no meio militar, com excepção de um pequeno hiato nas vésperas imediatas do acontecimento.

Belisário Pimenta aguardou o desenrolar dos acontecimentos em casa, esperando, na incerteza, ao longo de duas noites, em ver aparecer a qualquer momento um beleguim fardado com mandato de prisão. Em vez da polícia, porém, foi *Ella* que surgiu, tumultuosa e estridente, na madrugada do dia 6 de Outubro.

Alegre e triunfante, messianicamente, *Ella* surgiu, finalmente, antes da madrugada. Pouco depois, ao nascer do sol, aos seus ouvidos começou a chegar o novo hino, saudando, no sol que desponta, o ridente porvir, entoadado pela multidão que se concentrou no castelo. Descendo a ladeira, subiu a Rua de Tomar, cortou à esquerda e parou no n.º 11 da rua Venâncio Rodrigues,

<sup>19</sup> Expressão apresentada pelo Doutor Joaquim de Carvalho, na cadeira de Filosofia Moderna, a propósito da situação e tempo em que Descartes filosoficamente cogitou. Não me recordo a quem era atribuída.

reclamando o mártir da liberdade, glorificando-o e generosamente esquecendo-se dos inimigos de ontem.

No «velho casarão da Universidade», a bandeira da liberdade, finalmente, flutuou. A flor da infância, de pétalas em forma de estrela de firmamento, havia florido, tinha criado raízes na terra, embora demorasse ainda tempo, muito tempo, a enraizar no velho e ressequido solo monárquico.

Belisário Pimenta atinge então o auge do poder político. Nomeado Comissário de Polícia em Coimbra, controla, com os correligionários, o poder local<sup>20</sup>. Perante ele, cumprimentando-o, passam todos, amigos e inimigos acomodaticios. Afinal, em Coimbra, como observa, não havia monárquicos nem adversários. Nem mesmo o talassa do coronel Ivens, que o havia desterrado para Valença e para Portalegre!

Dois meses e meio depois, Belisário Pimenta deixa o lugar, que nunca deveria ter ocupado, para se dedicar, na sua expressão, a coisas sérias. Belisário Pimenta não foi, nem nunca poderia ter sido, um bom político. Em vez de o nomearem cronista ou guarda-mor dos arquivos, como ironicamente nota, fizeram-no Comissário de Polícia!

A sua carreira política, com efeito, terminou pouco depois, ao perder as eleições para a Constituinte. Em 1914 é esboçado ainda um movimento, sem continuidade, para o levar ao parlamento, agora ao lado dos unionistas. A carreira política tinha, no entanto, acabado, embora tivesse lutado, comandando forças militares contra tentativas, à volta de Coimbra, da restauração da monarquia e, sobretudo, em 1919, sendo então já major, contra a monarquia do norte, de cuja campanha no Vouga elaborou uma memória, que em parte publicou. Em 1912-1913 fez parte do tribunal marcial de Coimbra, onde mostrou ser um juiz humano, distinguindo bem entre quem empunhava as armas contra a república e quem as fazia disparar.

Contrário à guerra e como unionista, ficou no quartel, entrincheirado nos papéis, ao tempo da participação de Portugal na primeira Grande Guerra. Os serviços prestados à causa republicana, no entanto, permitiram-lhe que por volta de 1920 ou 1921 lhe fosse conferida a comenda da Ordem de Cristo, a qual recusou, avesso que era ao altar público da fama<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> O governador civil, Fernando Costa, era um dos seus amigos. O tio Albino será vereador da Câmara, como acima referimos.

<sup>21</sup> A sua biografia refere, no entanto: «Possuía como condecoração a medalha de ouro de comportamento exemplar e era grande-oficial da Ordem Militar de Avis». (*Bibliografia...*, p. 7).

O 28 de Maio de 1926 não poderia ter deixado de afectar a sua carreira. A documentação dos anos vinte não está no seu espólio doado à Biblioteca da Universidade, segundo julgo. Parece, no entanto, que nunca mais obteve posição de relevo no meio militar. Em 1930 é demitido da presidência do Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª secção, instituição criada em 1911 e para cujo conselho, em 1917, havia entrado como vogal.

Por volta de 1932, a situação militar de Belisário Pimenta, que conta com amigos como o general Teixeira Botelho e o coronel Ferreira Lima, modifica-se. Neste ano, com efeito, é recebido como sócio na *Revista Militar*, tendo-lhe então Teixeira Botelho feito rasgados elogios como historiador militar. Colocado, no entanto, sob suspeição, Belisário Pimenta é relegado para postos burocráticos dos quartéis. Comanda, no entanto, interinamente, em Penafiel, em 1932-1933. Em seguida passa para o Porto, como juiz do tribunal militar territorial. Em 1935, porém, como ele próprio confessa antes de ser promovido a coronel, que desde há anos levava uma vida de frade, embrenhado como andava, com autorização do Ministério da Guerra, no serviço de catalogação de manuscritos de índole militar existentes na Biblioteca da Universidade de Coimbra<sup>27</sup>.

Politicamente, com efeito, a sua posição continuava marginalizada, como bem reconhece, ao comentar o assunto com amigos íntimos. Estes, ao darem-lhe os parabéns a propósito da nova promoção a coronel, ao mesmo tempo que lhe desejam, cortesmente, o generalato futuro, alvitram uma posição de comando. Embora Belisário Pimenta tivesse desejos de comandar, embora sonhasse em imprimir à unidade que lhe fosse confiada algumas das suas ideias sobre a cultura militar, a verdade é que, neste ponto, Belisário Pimenta era realista. Como respondeu a Lourenço Chaves de Almeida, um comando de tropas, ou qualquer cargo político dominante, estava fora de questão. «Hoje - explica -, há íntima ligação entre os comandos militares, a União Nacional e os bispos e arcebispos». Ora, acrescenta, «se eu sou capaz de ser leal, não quero nada com a União Nacional e muito menos com o clero». E tinha razão: o coronel Belisário foi colocado em Abrantes, no distrito de recrutamento de Reserva para tratar de inspecções e taxas militares, o que exigia qualificações transcendentais, as quais iam, como ironizou, do «conhecimento profundo das alíneas e §§ da multidão de decretos existentes e por existir até à congeminção

estética e psicológica e sintética necessária para bem julgar os mancebos que sem a folha de parra imposta pela decência concorrem à presença da junta». Nos fins de Dezembro de 1936, porém, é colocado num comando em Leiria. No ano de 1938, no entanto, «sem ser ouvido nem achado», como relata, foi parar ao Distrito de Recrutamento e Mobilização. Mau prenúncio para quem pretendia prestar provas para o generalato, como fez, no ano seguinte. A guilhotina, mais política do que científica, decepa-lhe a vida militar, colocando-o na reserva.

A reacção a Salazar, nos anos cinquenta - pela esquerda e pela ala progressista da Acção Católica -, recupera a sua imagem de combatente pela liberdade republicana, mas a carreira militar activa tinha terminado. Orienta-se então, aos sessenta anos de idade, para o caminho do sonho da infância.

6. Belisário Pimenta era homem tímido. Uma expressiva e simbólica imagem dessa timidez está fixada fotograficamente ao tempo da inauguração da Sala Ferreira Lima, na Faculdade de Letras. Os espaços demarcados e as expressões falam por si.

A sua fragilidade acentuava-se nos períodos de depressão, procurando então alívio no silêncio das bibliotecas e arquivos ou na paz de Mafra ou, sobretudo, enquanto foi possível, na de Miranda do Corvo. A sua sensibilidade era mais consentânea com a paisagem «doce e calma» de Miranda do Corvo, mais sedativa pelo silêncio guardado pelas montanhas em redor e pela sombria cor dos pinheirais e oliveiras, muito diferente da paz excitante, agreste e seca da sua quinta da Paz, em Santo André de Mafra.

Em Miranda estava a segurança da terra firme, trabalhada pelos avós maternos, o senso prático da audácia de vencer. Em Mafra, o chamamento do mar incerto dos marinheiros e dos míticos militares de cabelo loiro dos Bustorf, geneticamente transmitidos pelo pai, comunicador com a distância por profissão. Fisicamente, há-de ser na quinta da Paz que terá de residir muitas vezes, quando adulto. A alma estava, porém, panteisticamente em Miranda, uma dádiva do Supremo Arquitecto do Universo. Nela mergulhava, com efeito, pela ancestralidade, uma parte da raiz da sua firmeza. Raiz pouco firme, no entanto.

Como as folhas do seu primeiro desenho, Belisário Pimenta sempre precisou, até à idade adulta, de um tronco que lhe desse segurança. Desde a infância até à morte, Belisário Pimenta exorcizou o fantasma do complexo de inferioridade, sem nunca conseguir expulsá-lo da sua fantasmagoria. O narcisismo, a paixão de si próprio - do próprio que não é Pimenta, que queima, mas Prado verdejante

-, foi, afinal, como se exprime no primeiro soneto que imprimiu, o ter vivido morto, porque não viveu, até desenganar-se<sup>23</sup>.

A nova vida, o desengano, porém, convertia-se, fatalisticamente, num tirano enganador que a água da vida espelhava.

Com efeito, seguiu a carreira miliciana, o caminho mais largo, aparentemente mais fácil de percorrer, abrindo-lhe possibilidades de glória, mas enganou-se. E uma vez desfeitos os generosos sonhos da juventude, refugia-se na modéstia da investigação histórica, no sossego do passado, para cujo estudo sempre foi inclinado. Estudo em que a timidez sempre se reflectiu por motivo da sua natureza e por ser autodidacta. A imagem do doutor de capelo e borla sempre o atormentou pela inacessibilidade, pelo espaço que ocupava para lá da teia, simbolicamente representada na sala dos capelos ou na Academia das Ciências, separação entre imortais e o resto da humanidade perecível<sup>24</sup>.

Faltando-lhe esta autoridade, trabalhava, com receio de dar passos em falso, de modo vagaroso, seguro, sem aventuras. Para afastar o medo, no entanto, tinha um bordão seguro de doutor, no qual sempre se apoiou, o Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, o referente historiográfico da sua vida.

A sua imagem impunha-se-lhe, «não só devido à sua figura»<sup>25</sup>, mas pela autoridade e prestígio do grau de doutor que possuía um antigo companheiro do tio Albino, antes de cursar teologia, e um dos amigos da casa do avô.

António de Vasconcelos, pela sua imagem revestida de doutor de capelo, foi sempre uma figura que se lhe impôs. Quando se lhe dirigia, conta Belisário Pimenta, «era sempre com grande ar de superioridade, com tom professoral, de quem se digna descer dos altos aos bichos da terra». Mas descia quando ensinava a Belisário o quer que fosse. E ensinava, imagine-se, «com clareza e precisão», o que não deixaria de baralhar Belisário, mesmo antes do lente lhe aparecer como um reaccionário político e, por isso, «inchado de ciência balofa».

António de Vasconcelos era, porém, desde a infância, um refúgio seguro para Belisário, porque à autoridade do saber hipostasiado pelo capelo e borla,

<sup>23</sup> Soneto intitulado *Narciso*. Republicado, depois de ter saído incorrecto em primeira publicação, in *Resistência*, 5, 478, p. 3, 21 de Setembro de 1899. Assinado com o pseudónimo Bernardino Prado, cujas iniciais são facilmente identificadas.

<sup>24</sup> Sentimento muito corrente em a Coimbra do seu tempo, a crer no que escreveu, entre os intelectuais da cidade e os da Universidade de borla e capelo.

<sup>25</sup> Continuou Belisário: «como também ao facto de ser doutor de capelo (o que ainda nesse tempo era em Coimbra, de alta importância)».

aliava a simples compreensão dos humanos terreaux, possuía a extraordinária capacidade de reconhecer vocações, estimulando-as, fazendo-as florir, em vez de as estiolar com o frio pesado de qualquer Pedro Penedo, Doutor do tempo da irreverência do poeta de *Coimbra Amada*<sup>26</sup>.

Belisário, tímido, nunca perdoou qualquer atitude que o inferiorizasse. Admirava Eugénio de Castro, sendo conviva da casa do poeta de Sagamor, que procurou imitar. Nunca lhe perdeu - ou pelo menos nunca esqueceu -, a superioridade da sua afectada altivez, inibidora da comunhão, por mais que Belisário lhe tirasse fotografias e Eugénio de Castro, para o efeito, se ataviasse à oriental, simbolicamente exótico. António de Vasconcelos, pelo contrário, não obstante militar em campo ideológico diferenciado e ser alma, em Coimbra, da reacção à república que Belisário ajudou a implantar, soube estimulá-lo, fortalecê-lo com sua amizade e saber humanizado, tendo nascido desta influência a vocação de Belisário Pimenta para os estudos históricos, transformando em história os traços ingénuos da sua primeira rosa<sup>27</sup>. Vocação, efectivamente, que se pode datar do tempo em que abriu a última gravura na tipografia da família, desenhada por António Augusto Gonçalves, outro dos grandes referentes da sua vida.

A gravura destinava-se à capa da «primeira tentativa histórica»<sup>28</sup> do teólogo António de Vasconcelos, a *Evolução do culto de dona Isabel de Aragão*. António de Vasconcelos, ao olhar para a gravura, em presença do desenhador e gravador, não se pôde conter que não classificasse a obra de «estilo faraónico». Tinha razão António de Vasconcelos. Mas perante a reacção fisionómica de Belisário, supondo esmagada pelo ridículo a sua capacidade de gravador de rosas, colunatas e folhas estilizadas pela imaginação de um querido artista, António de Vasconcelos, psicólogo perspicaz, serenou o rapaz de quatorze anos.

<sup>26</sup> Em carta de 18 de Maio de 1932, dirigida ao Dr. Alberto de Oliveira, informa: «[...] a direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra gostou muito da minha sugestão acerca da 2ª edição de *Coimbra Amada* [...]». Não chegou a efectuar-se. A primeira edição havia sido de «tiragem limitada».

<sup>27</sup> Belisário Pimenta nota as acostumadas queixas contra os arquivos e bibliotecas que dificultam a actividade dos investigadores. Exceptua, creio, o então director do Arquivo da Universidade, Doutor António de Vasconcelos, como seria de esperar.

<sup>28</sup> «Tentativa» pode ter um sentido académico, curricular, mas parece inculcar uma expressão da época usada, por exemplo, por Alexandre Herculano, *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal. Tentativa histórica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 3 volumes, 1854, 1855 e 1859. O prefácio está datado de 1852.

Confortado no seu ego, Belisário nunca mais se afastou do pai historiográfico até às proximidades da morte de António de Vasconcelos, ocorrida em 1941. Então historiograficamente libertado do complexo de Édipo, cujos laços se vinham afrouxando desde a década anterior, Belisário Pimenta afastou-se da via inicial e começou a ser, efectivamente, um historiador da outra história, lavrando agora em campo de seara nova.

A obra de António de Vasconcelos que marcou metodologicamente Belisário Pimenta, data de 1891-1894<sup>29</sup>, antes do aparecimento, em França, do muito conhecido manual de Langlois e Seignobos (1898). A composição tipográfica do título do rosto da *Evolução do culto de dona Isabel de Aragão mulher do rei D. Dinis* é simbolicamente expressiva da história positiva que se anunciava. António de Vasconcelos, que foi um dos membros do «Vaticano da Estrada da Beira»<sup>30</sup>, como ficou chamado o centro de reacção monárquica que se formou em Coimbra ao tempo em que Belisário foi o primeiro Comissário de Polícia da República nesta cidade, não influenciou apenas a si. Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra vigorou, desde que foi criado até à revolução dos cravos de Abril, um jardim suspenso da História que acabou por ter, precisamente, o seu nome.

<sup>29</sup> O primeiro volume, de texto, foi impresso em 1891 e o segundo, de documentos, em 1894. A data da capa do primeiro volume é, no entanto, MDCCC.CXIV. A gravura foi aberta no final de 1893, ano em que Belisário andava pelos 14. A gravura foi publicada em a capa de cada um dos volumes.

<sup>30</sup> Ao estudar «as raízes do 28 de Maio», Belisário Pimenta apresenta, entre muitas outras, a ideia de que «O Doutor Vasconcelos era, indubitavelmente, o centro do cenáculo que com o tempo foi conhecido e e alcunhado(?) de Vaticano da Estrada da Beira». O centro do cenáculo era a casa do Doutor Serras e Silva (propriedade do capitalista Tavares da Costa), professor de Higiene na Faculdade de Medicina, o qual foi nomeado professor de História dos Descobrimentos Portugueses.

O Doutor António de Vasconcelos era o «capelão do Doutor Angelo da Fonseca», «velho maçom e republicano desde estudante». Angelo da Fonseca foi o principal obreiro da reforma de 1911 das Faculdades de Letras. O Doutor Vasconcelos, por sua vez, «foi autor encoberto da organização da nova Faculdade», onde diz terem imperado os professores de Teologia. A entrada na Faculdade como professor dependia da aprovação do «Vaticano da Estrada da Beira», por onde prepassam figuras coimbrãs e não só (Abel Mendonça, Dionísia Camões, Trigo de Negreiros, Costa Ferreira, José Antunes Serra, Mendes dos Remédios, Manuel Rodrigues, Rosa Falcão...). (D. Prudência da Costa, mulher de Serras e Silva, «chamava Salazar e Cerejeira seus filhos...»). Na sequência da sua «história» do 28 de Maio, Belisário escreve: «Isto que aqui fica escrito é apenas o que vi e quem ligar com o grande centro da Estrada da Beira que habitualmente soube reunir abaixo da bandeira da moralidade política...». Não verifiquei os dados, excepto quanto a alguns aspectos da Faculdade de Letras. Sobre o Centro Monárquico Académico de Coimbra, Manuel Alberto Carvalho Prata, *A Academia...*, p. 496 s.

Belisário Pimenta, fora da instituição universitária, libertou-se muito antes, embora a aprendizagem de autodidacta, forçosamente longa e dolorosa, o levasse a beber também em todas as fontes amigas e encorajadoras que, na verdade, poucas foram.

Uma destas pessoas foi o truculento Homem Cristo (1860-1943), antes de cortar relações com Belisário Pimenta e o desancar, sem dó nem piedade, por volta de 1933.

O capitão Homem Cristo era o director das escolas e da biblioteca do Regimento de Infantaria 23, onde Belisário Pimenta, em 1902, foi colocado quando saiu da escola do Exército. Homem Cristo era, como diz Belisário Pimenta, o «gato bravo daquela capoeira» da rua da Sofia e tinha já «fama de jornalista vigoroso, polemista e muito culto», na apreciação do nosso biografado. Esta última característica entusiasmou o então alferes Belisário, subalterno do capitão Domingos dos Santos Freitas, um dos directores da *Folha de Coimbra* e uma personalidade de que todos, ou quase todos, assevera Belisário, diziam muito mal. Por isso mesmo, e dado que a trilogia, como diz, da «justiça, da igualdade e da cunha» imperava no quartel como na Escola do Exército, o alferes Belisário Pimenta foi colocado na sua companhia. Ainda bem, desta vez, para Belisário Pimenta, embora as críticas ao *Pró Pátria*, de Homem Cristo, obra datada de 1905<sup>31</sup>, instigadas por Santos e Freitas, que colocou a *Folha de Coimbra* à sua disposição, estivessem na origem do futuro corte de relações do então director da biblioteca do regimento, ao descobrir o verdadeiro nome do autor das críticas<sup>32</sup>. Os factos eram verdadeiros, mas a crítica foi injusta, como depois o autor reconheceu, prestando gratidão ao que historiograficamente devia a Homem Cristo ao entusiasmá-lo a ler os novos autores da língua francesa que tinha adquirido para a biblioteca. Radica aqui, do contacto com esses novos autores, a ideia de Belisário Pimenta tratar a história militar em novos moldes.

<sup>31</sup> Homem Cristo, *Pro Patria*. Coimbra: Livraria Editora França Amado, 1905. A obra encontra-se dividida em três partes. Na primeira, trata de «A paz e guerra. O militarismo na Europa e em Portugal». A Segunda, de «O ensino escolar por companhias tratado nos jornais». A terceira parte contém «Últimas palavras. Documentos». A obra espelha uma bibliografia actualizada, certamente reflectindo a biblioteca do 23 de Coimbra e constitui uma boa fonte para o estudo, entre outras matérias, do ensino das primeiras letras a adultos a prestarem serviço militar.

<sup>32</sup> Da sua *Bibliografia...* consta que escreveu dez artigos, a principiar em 26 de Junho de 1905, sob o título *O livro «Pro Patria» do sr. Capitão Homem Cristo*, assinado pelas iniciais N. A. [Nuno Álvares].

Vão ser precisos, porém, mais de trinta anos para a nova concepção, vergôntea de tronco antigo, se exprimir na Universidade.

6. O gosto pela história, o gosto do seu estudo, cedo desabrochou em Belisário Pimenta. Inicialmente, como colecionador de artigos que publicava o tio Albino num jornal de cor progressista, numa local denominada «Datas Memoráveis». Depois, como gravador da capa da obra de António de Vasconcelos e como aluno do ensino liceal, em cuja cadeira de História se evidenciou. É por esta altura que suas tendências para as matérias literárias e históricas se firmam através da leitura de romances históricos, nomeadamente de Alexandre Herculano e Cunha e Sá<sup>33</sup>. Alexandre Herculano passará a ser o Deus tutelar da vida inteira, acompanhando-o permanentemente em efígie, traçada por João Pedroso, pendurada na parede do seu quarto de estudante ou colocada sobre a mesa do gabinete de trabalho da vida adulta, embora sobre esta, pela vida fora, se fossem instalando, para além do seu duplo, Nun'Álvares, outros ídolos de circunstância.

Foi Alexandre Herculano, como confessa, que preencheu por completo o seu imaginário de rapaz pela sua capacidade de evocação literária, o «seu anticlericalismo e o seu feitio rude, nimbado de modéstia, mas cheio de autoridade». Mais tarde, em fase de melancolia e como consolação, Belisário Pimenta sublinhará que a admiração que na mocidade teve por Herculano «não foi tanto pelo forte e seguro historiador ou pelo polemista, mas pelo lavrador de Vale de Lobos, entregue a leituras e aos trabalhos agrícolas». Aos 60 anos, idade em que faz esta confidência, o carrancudo Herculano só lhe ensina a não acotovelar ninguém, a manter a verticalidade própria e não a olhar para a curvatura dos outros.

Se Alexandre Herculano o tutelou nas dimensões historiográficas, liberais e humanas, um outro romancista histórico, Cunha e Sá, através do último

<sup>33</sup> Que influência teria neste despertar a memória de Joaquim Narciso Possidónio da Silva, arquiteto e arqueólogo, pai da mulher? (Ou as suas tendências de historiador o aproximaram da mulher?). «[...] quando cadete na Escola Prática de Infataria de Mafra, aqui conheceu em 1902, D. Amélia Deidâmia de Almeida Possidónio da Silva, neta do arqueólogo Joaquim Narciso Possidónio da Silva, com quem veio a casar aos 22 de Outubro de 1908 [...]». (*Notas biográficas*, in «Bibliografia»..., p. 7). Belisário foi admitido em a Escola do Exército em 20 de Outubro de 1900. Entrou graduado em 1º sargento cadete. Neste mesmo ano entrou para a Associação Académica. Matriculou-se novamente na Universidade em 1906-1907. Sigo informações dadas pelo próprio.

cavaleiro, deu-lhe a conhecer o infante D. Pedro, duque de Coimbra e o seu leal amigo Álvaro Vaz de Almada<sup>34</sup>.

Na sua fantasia começaram então a germinar futuros trabalhos a desenvolver, sendo um deles «Coimbra durante a dinastia de Avis». Desta intenção só realizou a publicação das cartas de D. Pedro à Câmara de Coimbra, que tiveram duas edições<sup>35</sup>.

O contacto com a situação político-social de 1383-1385, no entanto, não podia deixar de entusiasmar o adolescente revolucionário. Entusiasmo tão profundo que uniu para toda a vida o passado e o futuro. E do futuro passado incarnou, depois da leitura das últimas duas obras então publicadas por Oliveira Martins, a figura de Nun'Álvares. O seu amigo e discípulo de direito e irmão maçónico, o açoreano Luís da Silva Ribeiro, será, por sua vez, para sempre também, João das Regras<sup>36</sup>.

A simbiose do estudo do moderno com as aspirações do antigo, do revolucionário com os valores do passado, quer do ultramar quer da metrópole, nunca Belisário Pimenta soube explicar a si próprio, mas creio que o revolucionário, o homem do futuro, é um decadente nostálgico ao tempo que frequenta o liceu. A insatisfação face ao presente, o Desejado, é um absoluto inatingível. A cabeça do rapaz de hoje, escreveu o autor de *Palavras Loucas*, está cheia de cataclismos. Um deles consiste «em julgar-se um prolongamento de existências anteriores». (Belisário do tempo do liceu evocará, em prosa e verso épico, as façanhas ultramarinas).

Os heróis que se elegem para modelo não podem, no entanto, deixar de estar em consonância com o modelado. Ora, o anarquista, o anticlerical, o republicano Belisário Pimenta, embora tendo como Deus tutelar de toda a vida

<sup>34</sup> A. M. da Cunha e Sá, *O último cavaleiro. Romance histórico*. Coimbra: Typographia das Horas Românticas, 1877. Romance histórico que ainda hoje se lê com agrado.

<sup>35</sup> *As cartas do Infante D. Pedro à Câmara de Coimbra: (1429-1448)*. Publicadas por Belisário Pimenta. Coimbra: Imprensa da Universidade. Sep.: «Arquivo de História e Bibliografia», 1. (Nº 239 da *Bibliografia...*); idem, *As cartas do infante D. Pedro à câmara de Coimbra (1429-1448)*. Coimbra, 1958, 2ª impressão. Separata do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. 23. (Nº 434 da *Bibliografia...*).

<sup>36</sup> O vice-almirante Azevedo Coutinho, que virá a receber as insígnias doutorais, era, por sua vez, Victor Hugo. Belisário Pimenta esteve presente na cerimónia, representando o general Teixeira Botelho. Ainda antes da cerimónia, em Junho de 1932, escrevia Belisário: «Eu não me sinto bem entre lentes e muito menos na sala dos capelos e, ainda de mais a mais de grande uniforme e com colar do Instituto».

Alexandre Herculano, escolhe para anjo de guarda, na juventude, Nun'Álvares, o qual, em boa verdade, irá depois ser afeiçoado de acordo com as ideias do espírito em que incarnou, humanizando-o, defendendo-o dos altares em que outros o colocam como salvador da pátria, quando a república entrou em crise crónica e se buscam novos messias por volta de 1932.

Nun'Alvares foi, com efeito, antes de se tornar herói nacional, o nome de guerra de Belisário, o secreto pseudónimo dentro da maçonaria. Belisário Pimenta entrou e saiu de diversas lojas maçónicas coimbrãs, mas em todas elas, onde subiu de aprendiz ao grau 20, tendo chegado a ser venerável, ficou sempre, para os iniciados, Nun'Álvares. Com este nome assinou muitos artigos.

Por volta de 1932, quando escrevia sobre teoria da História<sup>37</sup> e pretendia que o sobrenatural nada tinha a ver com os heróis militares, Nun'Alvares aparece tanto como «um rapaz interessante, enérgico, de talento militar verdadeiro», como um «homem de acção pronta e eficaz, o patriota que em tudo usava de galhardia, o valente que nunca deixa de ser generoso». Por outro lado, o pacifista Belisário Pimenta gosta de ser o Nun'Álvares símbolo de «pureza e heroísmo», sendo, por isso, «ingénuo, cândido, sincero», em contraposição ao fino e tortuoso João das Regras. Enquanto Belisário continuará o mesmo, outros camaradas e irmãos acomodam-se politicamente, singrando no mar que se lhes abre. O condestável Belisário fica em Coimbra, recolhido e ignorado, transformando a espada em instrumento de escrita de introspecção e observação do mundo, escrevendo, escrevendo sempre, sob o olhar de Nun'Álvares de longa pêra branca, de olhar calmo e triste. A força do guerreiro, a audácia do soldado, a espada do condestável, transforma-se em pena de bico, e depois em caneta de tinta permanente. E Belisário escreve, escreve, escreve sempre, anota tudo, metodicamente obsessivo.

Escreve com estilo que pretende seja literário, quer se trate de relatórios de quartel, quer de provas escritas dos seus concursos. Como deixou exarado, estas eram «provas claras, sem erros, com redacção de certo modo literária, tanto quanto era possível em temas tão áridos». Estilo que se agradava e mesmo impressionava alguns camaradas, o colocava, no entanto, sob suspeição ao nível de quem deveria classificar o seu serviço anual.

Belisário Pimenta escreveu sobre tudo e todos, com duas excepções: não

<sup>37</sup> Belisário Pimenta, *Considerações sobre o estudo da História*, «Revista Militar», 5-6, vol. 84, 1932, p. 291-300. (N.º 253 da *Bibliografia...*).

diz muito sobre a maçonaria (embora tenha conservado a correspondência e deixado escritas duas páginas notáveis pelo mistério revelado da sua iniciação na Academia Livre em 1899) e não fala da sua vida íntima, com exceção da rapariga de Valença que se apaixonou por ele. A auto-estima do alferes miliciano, em situação de desterrado, deveria ter sido tão grande que Belisário Pimenta, aos 80 anos, a recordou com uma certa ternura. Nas suas memórias, as referências à família são poucas, destacando-se, pelo carinho que lhe deveria ter votado, a neta Ana Maria. Mas existem todos os papéis e todas as cartas que da família receberam.

Como escreveu sobre tudo e todos, os seus manuscritos são fontes preciosas para a história contemporânea de Coimbra e do país. Relembro, não certamente por acaso, a entrevista que Salazar concedeu a uma deputação de Coimbra, quando a fúria devastadora do passado coimbrão passou pelo local onde nos encontramos, a protestar contra o desaparecimento dos seus monumentos. Salazar, que dizia amar Coimbra, estava de acordo com a representação, de que Belisário Pimenta fazia parte<sup>38</sup>.

7. Belisário Pimenta trabalhava na investigação histórica nos momentos vagos da profissão militar. Basta olhar para a sua bibliografia, que ordenou por anos, para nos apercebermos quais as temporadas mais livres<sup>39</sup>. Sempre que podia, tanto em Coimbra como nas localidades para onde foi destacado, frequentava arquivos e bibliotecas eruditas, quando existiam.

Considerando a obra que deixou impressa entre 1898 e a data da sua morte, e não tendo em conta a qualidade e o tamanho dos trabalhos, Belisário Pimenta

<sup>38</sup> No «diário», respeitante a 18 de Maio de 1955: «Depois saiu a ideia dum agrupamento de «amigos de Coimbra» - agrupamento sem estatutos nem qualquer sanção oficial [...] Salazar marcou para o dia 26, às 18 horas [...] O grande homem não se fez esperar [...]. Carvalho Lucas fez a exposição e entregou-lhe um memorial que se levava para melhor concretizar os assuntos. Salazar começou a falar e expor os seus pontos de vista com clareza, diga-se a verdade, dando-me a impressão de que se interessava por Coimbra mais do que eu pensava» [...]. Coimbra estava mais feia [...] e citou construções feias. O desenvolvimento irregular da cidade, o mau efeito do bairro económico do Calhabé visto do Penedo da Saudade, etc. O homem desabafou [...] queixou-se dos estudantes, que lhe pedem tudo, excepto organização de horários razoáveis para terem algumas horas em que pudessem estudar [...]. Pareceu-me que gostava, realmente de Coimbra, e talvez por isso concordou com o que se lhe disse e prometeu mandar estudar o que se lhe propunha [...] falava como dono patrão, mas não na primeira pessoa [...].»

<sup>39</sup> Completada pela filha, única que teve, professora liceal em Lisboa, em cuja casa morreu Belisário. A biografia que precede a edição da já referida *Bibliografia de Belisário Pimenta* deveria ter sido elaborada, segundo parece, pelos autores.

publicou até ao fim de 1939, 29,6% dos títulos da sua bibliografia, os quais vão até ao número 937, no texto impresso. Depois da entrada na reserva até à data do seu falecimento, o que representa um terço dos anos que viveu, Belisário Pimenta publicou 70,4% dos seus trabalhos.

O grande período da sua produção historiográfica começa, assim, como é compreensível, a partir da inactividade militar, aos 60 anos. Usando as suas palavras - que traduzem a terminologia da época -, foi precisamente depois da colocação na reserva que Belisário Pimenta surge como historiador. Antes foi apenas um investigador de história, embora já desde 1932 o historiador se tenha começado a revelar. Distinção historiográfica de importância entre investigador e historiador, que bem merece ser tomada em consideração, mesmo hoje.

8. O primeiro artigo de carácter histórico que a sua bibliografia publicada regista, data de 1903. Ao longo de dez anos, até 1913, Belisário Pimenta, no que diz respeito à história, publicou muitos artigos ou crónicas, em jornais e revistas de antigos companheiros de Coimbra espalhados pelo país, mas sem qualquer importância historiográfica. Foram escritos a partir de um «banco de dados» elaborado desde criança, ideia surgida pela colecção que fazia dos recortes das *Datas Memoráveis* que o tio Albino assinalava num local de um jornal. Metodicamente, mas sem directrizes explícitas de adulto, começou a colher, das múltiplas leituras que fazia, as datas dos sucessos e as «de nascimento e morte de homens que, a qualquer título, se notabilizaram». Esta actividade de coleccionador de datas foi crescendo até atingir milhares de verbetes.

A partir deste ficheiro, Belisário Pimenta desde cedo começou a colaborar em múltiplos jornais locais. É assim que, por exemplo, em 1903, inicia uma secção denominada *O Dia Histórico*, no *Jornal Torrejano*, dirigido por Mário Soares Duque, advogado, amigo e membro da mesma loja maçónica. Só em 1913, porém, ficou registado, pela primeira vez, o começo de publicação de uma obra original de apreço e o anúncio de uma outra, a monografia sobre Miranda do Corvo, que o deveria esfalfar, ao longo de mais de 20 anos, sem a concluir.

Em 1913, Belisário Pimenta encontrou a sua igreja nos arquivos e bibliotecas, onde professou, fechando-se na investigação, desligando-se das actividades profanas. Ele próprio nos deixou revelado o modo como então preenchia o dia de trabalho, iniciado à hora do toque da alvorada e dividido entre uma fugaz presença na secretaria do quartel, a Biblioteca da Universidade e o seu gabinete de trabalho, na aprazível casa da rua de Venâncio Rodrigues.

Nos finais de Abril ou princípios de Maio deste ano, depois de ter iniciado a publicação *O combate de 24 de Junho de 1828 na Cruz dos Morouços*<sup>40</sup> - trabalho sugerido por manobras efectuadas neste local e baseado sobretudo em informações colhidas na biblioteca do general Francisco Augusto Martins de Carvalho, que a colocou à sua disposição e de outros investigadores -, Belisário Pimenta lança-se à investigação histórica do concelho de Miranda do Corvo, a começar pelas origens.

Belisário Pimenta não tinha então experiência de arquivos nem fazia ideia do esforço que se tornaria necessário. À partida, o concelho de Miranda, julgava, «não deveria ter grande história». Assim o anunciou em *O Serrano*, sob o anonimato da redacção do jornal<sup>41</sup>. A medida, porém, que a documentação começou a ser lida - e imagina-se o esforço que teria representado para quem, com muita verosimilhança, se iniciava na leitura dos manuscritos antigos -, os documentos foram crescendo, mas não continham o que pretendia. Para além dos textos, Belisário Pimenta removeu montes e vales, casas e igrejas, alminhas e pedras de construção em busca de inscrições. Recolheu o folclore, solicitou documentos, revolveu e remexeu, ao longo de anos, tudo quanto pôde. Esta actividade inquisitorial não teria, no entanto, agradado aos mirandenses e a própria câmara, segundo o seu testemunho, não mostrou qualquer interesse pela monografia que pretendia elaborar.

Em 1917, Belisário Pimenta continuava a investigar com a persistência de obcecado e um amor de devoto de que ele próprio se não julgava capaz, como confessa. Em cartas aos camaradas, extasia-se com a novidade da investigação. Começa a conhecer o quotidiano do concelho, a tratar por tu as pessoas de outrora, lenitivo para não pensar na guerra mundial nem nos papéis do quartel, onde agora reinava uma balbúrdia infernal, de manhã à noite, entre ordens e contra-ordens.

Os anos de investigação foram-se somando e os apontamentos crescendo. Vinte anos depois, no entanto, o desalento começa a surgir, mas também num novo contexto, é verdade, de encarar a história local no país. Em 1934, com 55 anos de idade, a obra tinha chegado, como diz, «a um estado de saturação difícil de resolver». Sem estímulo para prosseguir, começa a pensar em entregar

<sup>40</sup> Em diversos números da «Revista Militar». (É o n.º 209 da *Bibliografia...*).

<sup>41</sup> *O Serrano. Jornal democratico independente. Defensor dos interesses d'este concelho e de toda esta região.*

a documentação sobre a malfadada história de Miranda ao Arquivo da Universidade, propósito que em 1935 reitera ao correligionário Tomás da Fonseca, anunciando-lhe a intenção, ao mesmo tempo, de se voltar para a história militar.

Enquanto procedia à investigação sobre Miranda, ao longo dos anos, foi publicando, no entanto, sob forma de artigos, partes do seu trabalho, com valor historiográfico desigual. O que foi publicado e a síntese que chegou a redigir sobre a primeira parte, que intitulou *Das origens ao fim do século XVI*, única parte que se encontra no espólio legado à Biblioteca da Universidade, impressiona pela quantidade, qualidade e actualização de temáticas - embora se não desconheça o esforço que então no país se fez para implantar monografias locais de carácter científico, divulgando-se, inclusive, possíveis esquemas de trabalho - tendo, por exemplo, ultrapassado em muito o aproveitamento genealógico dos registos paroquiais, havendo já preparado, para além de 312 pequenas ou grandes prosopografias, o aproveitamento dos registos de óbito, em termos de hoje, para o estudo das epidemias. A monografia foi biograficamente dedicada, ressumando amor pátrio, «à memória dos meus avós do ramo mirandense que labutaram nas terras férteis do vale do Dueça com a enxada e o arado ou modelaram com amor e ingenuidade os lindos barros vermelhos, que Coimbra, por ser doutora, teima em chamar seus»<sup>42</sup>.

De 1913 a 1936, o projecto da monografia de Miranda do Corvo absorveu-o, historiograficamente, com excepção das actividades da Universidade Livre, de cuja direcção fazia parte, nas quais nasceu, em 1932, o *Nun'Álvares, chefe militar*<sup>43</sup> e a publicação de trabalhos importantes como *Considerações sobre o estudo da história* e as *Cartas do Infante D. Pedro à Câmara de Coimbra*. Com a redacção desta monografia local, contava Belisário Pimenta, se o que diz não tem muita ironia, atingir a glória. A obra é por vezes adjectivada, no início do projecto, por imorredora e imperecível. E tê-lo-ia sido se, efectivamente, se não tivesse acabado por parecer uma espécie de *Memórias de um átomo* do João da Ega dos *Maias*, ressalvando a profunda diferença quanto ao facto das partículas terem sido efectivamente aceleradas e produzido energia

<sup>42</sup> Um dos seus trabalhos sobre o assunto: Belisário Pimenta, *Oleiros de Miranda do Corvo*. Coimbra: [s. n.], 1933. (Separata de «Arte e Arqueologia», vol. 2, n.º 1).

<sup>43</sup> *Nun'Álvares chefe militar. Conferência (na Universidade Livre de Coimbra em 18 de Março de 1932)*. Coimbra: Academia Editora rua Cândido dos Reis, 1932. Publicada depois, em 1933. Para as vicissitudes desta edição e conflito com a censura, vide o n.º 254 da *Bibliografia...*

suficiente para molecularmente espalhar artigos por diversas revistas e jornais<sup>44</sup>.

A dor de não ter realizado a obra espelha-se numa carta de cortesia de despedida, enviada a Diogo Oleiro, em finais de 1936, ao deixar Abrantes. A carta, autenticamente narcísica, é toda um incentivo a Diogo Oleiro para levar avante a monografia local que estava a empreender. Belisário Pimenta sabia, por experiência, o valor do incentivo e a necessidade de desenvolver a história local que, não obstante Portugal se encontrar «de maré alta ou até mesmo de maré viva» de nacionalismo e regionalismo, não merecia o carinho das entidades e dos historiadores, voltados para os grandes feitos heróicos.

O projecto da história local, iniciado em 1913, contém em si vastas implicações, pressupostas já na persistência da investigação, e prende-se com a problemática da civilização e do campo que influenciou todos os intelectuais do tempo, mas com objectivos ideológicos diferentes. O cidadão Belisário não podia deixar de defender as serras, como o fazia quando usava, nas cartas, o pseudónimo Jacinto. As suas preocupações literárias, para além da brincadeira juvenil de imitar até ao absurdo o inimitável Eça, iam para o naturalismo de Fialho, expressamente citado, e para o chamamento campestre do nacionalismo neogarrettiano<sup>45</sup>. Etnógrafos e antropólogos, como António Aurélio da Costa Ferreira, do seu círculo familiar, e ele próprio, no concelho de Miranda, percorreram o país em busca do passado diverso, que acaba, nuns e noutros, por se circunscrever nessa área simbólica dos «20 quilómetros do planeta» neogarrettiano, para além dos quais tudo é estrangeiro. Tudo acaba, feitas as contas, no local e regional.

D. Pedro V hesitou em convidar Alexandre Herculano para professor do Curso Superior de Letras, em Lisboa, por rechar, como escreveu, que «criasse, pelo amor à Idade Média, um ninho de municipalistas»<sup>46</sup>. Ora, o Integralismo

<sup>44</sup> Sobre o que publicou, *vide* na BGUC, cota 5- 10B-2-8-9, Maria Madalena Parreira Branco, *Belisário Pimenta. Subsídios para a sua bibliografia (relativo a Miranda de Corvo)*. Trabalho prático da cadeira de Bibliologia e Bibliografia. Coimbra, ano lectivo de 1972-73. «O trabalho consta de análises bibliográficas sobre as obras que Belisário Pimenta escreveu sobre o concelho de Miranda do Corvo, com os índices respectivos (antroponómico e ideográfico)». São 252 referências bibliográficas.

<sup>45</sup> Manuel Cruz Malpique, *Alberto de Oliveira, mentor do neogarretismo da geração literária de 1890*, «Boletim Cultural [Câmara Municipal do Porto]», XXVI, 3-4, Set.-Dez., 1963, p. 530-585). Há separata. (Porto: [s.n.], 1963). Uma publicação recente sobre as matérias citadas, Carlos Reis, dir., *História da Literatura Portuguesa*. Vol. V. *O realismo e o naturalismo*. Lisboa: Alfa, 2001.

<sup>46</sup> Cf. Júlio de Vilhena, *D. Pedro Ve o seu reinado*. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, p. 351; idem, *D. Pedro Ve o seu reinado. Novos Documentos. Suplemento*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922, p. 103.

Lusitano, iniciado precisamente em 1913, vai agora defender a «descentralização» e «a diferenciação regionalista», assente na família, na paróquia e na província, como meio de regenerarem a nação e a monarquia. A pátria é o conjunto das pequenas pátrias. Pela mesma época, com objectivos diferentes - o reforço da república - se voltam para a mesma temática republicanos e liberais.

Em 1913, Carlos Malheiro Dias incita Aquilino Ribeiro a escrever um romance regional «onde formigue toda a comparsaria rústica da Beira». A mensagem foi ouvida e as *Terras do Demo*, na opinião do autor, «rescendem ao tojo e ao burel azeitado quando torna dos pisões»<sup>47</sup>.

Precisamente em 1913, Belisário Pimenta, de modo independente, pensa salvar os arquivos e monumentos locais e recolher, como recolheu e publicou, o cancionero popular de Miranda. Quando, mais tarde, Raul Proença o convida a colaborar no *Guia de Portugal*, Belisário Pimenta responde-lhe que apenas pode colaborar nos temas que investigou, que são precisamente ainda as terras de Miranda do Corvo. Por esta altura, em 1936, Belisário Pimenta continuava a considerar a história local como «um pedestal da história geral», um dos principais elementos para a sua construção. Houve tempo, acrescenta, citando Anatole France, em que esses estudos eram tomados como simples madurezas ou divertimento inofensivo para as pessoas sérias. Reconhecia, entretanto, que entre nós se lhe não dá ainda o devido valor, ocupado Portugal, como andava, com os «grandes vultos ou grandes sucessos da história nacional». Profetizou, no entanto, que a onda comemorativa passaria (preparavam-se os centenários de 40) e, então, «as monografias locais alcançarão o seu lugar verdadeiro».

A publicação dos *Subsídios para a bibliografia local portuguesa*<sup>48</sup>, datada de 1933, como símbolo, a evocação da elaboração da geografia regional nas Universidades e a sequente história recuperadora do espaço e não apenas do tempo, podem dar ideia como Belisário Pimenta lia o mapa do estado-maior da historiografia de então.

As dificuldades que encontrou na elaboração da monografia de Miranda do Corvo e a nova situação que os generais lhe criaram, levaram-no, no entanto, para outro tema de investigação, latente pelo menos desde 1902, ao tempo de encontro com Homem Cristo, o da história militar, agora com novas linhas de combate. A história local nunca será abandonada, mas não projecta de novo

<sup>47</sup> Vide Evelina Verdelho, *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*. Lisboa: INIC, 1982, p. 27

<sup>48</sup> *Subsídios para a bibliografia local portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933.

nenhuma monografia histórica, nenhum trabalho de conjunto. O que passará a publicar serão crônicas de ocasião, com o título de *Velharias*, para as quais dispunha, em armazém, de ficheiros bem ordenados.

O novo investimento na história militar é feito com nova metodologia e nova teoria. Até então havia predominado a influência de António de Vasconcelos, influência que irá até à morte, no que toca à inquisição do documento.

A primeira fase historiográfica, de 1913 aos anos trinta, exercitou-a Belisário Pimenta, com efeito, sob autoridade de António de Vasconcelos, que lhe ensinou o caminho para os arquivos e o modo de fazer história. Foi o seu *Brás Garcia de Mascarenhas* que, por exemplo, lhe desvendou o arquivo da câmara eclesiástica, que muito utilizará para a história local<sup>49</sup>. Em Vasconcelos, Belisário louvava o que penetrou no seu espírito, desde jovem do liceu: «o espírito de investigador minucioso, consciencioso, que procura ir ao fundo de todos os assuntos», o que se coadunava com o seu feito: «minúcia na investigação, a preocupação do documento, a controvérsia sobre pequenas dúvidas; a averiguação crítica das datas; a investigação miúda e funda dum sucesso qualquer, com grande rodapé nas páginas por dá cá aquela palha; a extensa bibliografia e o título desenvolvido e pretencioso»<sup>50</sup>.

Esta caracterização metodológica é de um trabalho de Belisário Pimenta redigido ao tempo da juventude, mas é evidente que espelha, na essência, a obra da sua conversão historiográfica, a *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão* e é, ao mesmo tempo, uma definição exemplar da história positiva, adjectivo retirado, só por volta de 1934, e também com a sua concordância, da própria expressão Ciência Militar Positiva, doravante designada apenas como Ciência Militar.

A influência da obra de Vasconcelos foi tão grande no jovem Belisário, então estudante liceal ou já no primeiro ano da Universidade, que a dissertação

<sup>49</sup> António de Vasconcelos, *Brás Garcia Mascarenhas. Estudo de investigação histórica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. (Na capa, Instituto de Estudos Históricos e Filosóficos). Contém a nota: «O presente estudo de investigação histórica faz parte da série de trabalhos do Instituto de Estudos Históricos e Filosóficos da Faculdade de Letras de Coimbra. Saiu em edição provisória fraccionado em artigos, na Revista da Universidade de Coimbra, volumes I, II e VIII». O prólogo está datado de 3 de Fevereiro de 1912. Há uma recente edição fac-similada, apresentada por José V. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

<sup>50</sup> Vide António de Oliveira, *As histórias da minha geração...*, em vias de publicação no volume de *Homenagem* ao Prof. Oliveira Ramos, Porto.

que apresentou para concurso da cadeira de História Portuguesa, uma das disciplinas da academia literária que, com outros rapazes, havia criado e funcionava segundo o modelo das academias dos adultos, intitulava-se *Averiguação e crítica da data das viagens que João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira fizeram às ilhas de Porto Santo e Madeira*.

Esta dissertação de «concurso» foi arguida pelo José Ferrão - camarada do nº 19 da rua da Matemática, onde se refugiaria, mais tarde, em «conversas do diabo», quando faltava às aulas de Desenho -, o qual argumentou com os modos aprendidos na sala dos capelos nos actos solenes de teses ou conclusões magnas.

A dissertação fora apresentada «de modo elegante, bem escrita em papel de linho farpado», como descreveu o autor e se pode comprovar no espólio, donde consta. Perante esta apresentação, e querendo o arguente reduzi-lo a zero, terminou a argumentação - depois de «descompor o trabalho à bruta», como era do seu feitio, «um tanto ou quanto rude» -, dizendo que «o valor do trabalho estava no papel e no aspecto gráfico e que o mérito do autor era o de ser tipógrafo de bico de pena».

A argumentação é simbólica a muitos títulos. Belisário, com aspirações a historiador, teve apenas doze valores, o que foi um desaire. Soube, mais tarde, segundo confessa, que semelhante nota foi atribuída pelo júri por ter citado no trabalho o Pe. Cordeiro. O seu anticlericalismo pode muito bem, sem querer sondar as profundezas da sua alma, ter sido radicalizado com este vexame, que soube superar, mas não esquecer, para salvar a sua academia. Mal sabia o então ingénuo Belisário que estava a prestar provas para entrar na loja maçónica Academia Livre, em cujas instalações, da rua das Esteirinhas, haviam decorrido as provas públicas do vexame, o qual incluiu também a defesa da tese «Fundação da nacionalidade»<sup>51</sup>.

Em 1932, o jovem poeta épico de Afonso de Albuquerque e defensor de temas académicos como os referidos no júri de que fazia parte o amigo e camarada José Ferrão - o Ferrão, autor da má monografia de Poiares, prefaciada por Belisário em 1905<sup>52</sup>, e que se acomodou como governador civil em Trás-

<sup>51</sup> Sobre o antigo sentido do vexame académico, vide António de Oliveira, *O quotidiano da Academia*, in «História da Universidade em Portugal». Volume I. Tomo II. Coimbra, Universidade de Coimbra / Fundação Calouste Gulbenhian, 1997, p. 665.

<sup>52</sup> José Maria Dias Ferrão, *Concelho de Poiares: memoria historica, descriptiva, biographica, economica, administrativa e critica*. - [Lousã]: Typ. Louzanense de J. Ribeiro dos Santos, 1905. A notícia e parte do prefácio foram publicados em «Jornal da Lousã», 124, 14 de Maio de 1905. (Nº 100 da *Bibliografia...*).

os-Montes -, tinha já feito, naturalmente, um longo percurso de aprendizagem e de realização de trabalhos históricos, começando-se a retirar, por esta data, da história positiva. Com efeito, nas suas *Considerações sobre o estudo da história*, onde advoga a necessidade dos militares, e nomeadamente os comandos, conhecerem a história pátria em sincronia com a história geral, Belisário Pimenta começa a considerar a história um «meio de cortarmos com o passado, um meio de nos libertarmos desse peso morto que nos incomoda e que em geral arrastamos como grilheta de condenado». Belisário Pimenta, a propósito, cita Goethe e não António Sérgio<sup>53</sup>. Mas a ideia é comum. Para libertar o presente do passado, urge elaborar uma nova mentalidade, a qual passa, nas suas palavras, por «sacudirmos tudo quanto nos possa libertar o pensamento». Pedagogicamente, trata-se de uma preparação para o futuro, o que lhe parece mais importante do que «sentir a saudade das glórias passadas».

Para mudar a mentalidade torna-se necessário aplicar uma teoria da história que explique o encadeamento dos factos. São necessários, por isso, novos historiadores, como anuncia já em 1932 o seu *Nun'Alvares, chefe militar*, e, obviamente, também novos leitores.

Os novos leitores de Belisário Pimenta deveriam ser os comandos militares. Atente-se, com efeito, que a proclamação é publicada na prestigiosa *Revista Militar*, em cujo corpo societário acabava de entrar. «Tenho pensado muitas vezes, escreve, como através da minha vida profissional [...] fui sempre infeliz nas tentativas para mostrar a necessidade do estudo da história; e tenho-me confrangido também ao lembrar-me como fui, algumas vezes, criticado por isso com sarcástica petulância».

A recordação dolorida do insucesso pedagógico não desanima Belisário Pimenta, que de agora em diante vai fazer história com uma orientação moderna. A história que se deve estudar, repete com obsessão, «não é a que nos aparece sob a forma do conhecimento cronológico dos factos e da enumeração das peripécias sucedidas de que abundantemente se tem abusado».

Para se comparar em que ponto estava da evolução historiográfica, atente-se no artigo do seu amigo e camarada Ferreira Lima, publicado no mesmo número da referida *Revista* com um título ainda hoje - e sobretudo hoje -

<sup>53</sup> Para uma crítica do racionalismo pedagógico de António Sérgio, vide António Quadros, *Poesia e filosofia do mito sebastianista*. Lisboa: Guimarães Editores, 2001, 2<sup>o</sup> ed., p. 268 s. Sobre António Sérgio e o seu tempo vide «Revista de História das Ideias», V, 1-2, 1983, número monográfico dedicado a António Sérgio.

muito sugestivo: *Hospedarias e hortos dos militares*<sup>54</sup>. Ferreira Lima, neste artigo de 1932, é o Belisário Pimenta de vinte anos antes, o investigador e não o historiador<sup>55</sup>. Para se ser historiador, porque a história é problema, é preciso ter uma teoria<sup>56</sup>. E a teoria de Belisário Pimenta, que neste mesmo ano vai aplicá-la ao estudo de Nuno Álvares Pereira, é o da racionalidade, o da abolição do imaginário. «A cultura que se deve adquirir por meio da História, deve postergar os prejuízos antigos e erros acumulados através das inúmeras gerações». As conclusões devem depender apenas da nossa razão, «despida de qualquer dogma, esclarecida pelo estudo das fontes escolhidas sem prevenção [...] e liberta da aprovação de qualquer hierarquia, mais ou menos elevada», como o *imprimatur* eclesiástico que corria estampado em certos manuais de história.

O seu *Nun'Álvares*, obedecendo a uma «teoria», é não apenas um Nun'Álvares humano, mas um militar, como se exprimiu, «que teve de pôr de lado a santidade para conduzir as hostes à vitória». O Nuno Álvares da infância, ou pelo menos o de Alberto de Oliveira, era um referente do povo que em «volta da sua sepultura cantava endexas em domingos de Ramos». No tempo da juventude de Belisário Pimenta, foi o seu símbolo de ingenuidade e de pureza. Agora, em 1934, como explica a José Augusto do Vale, a sua interpretação opunha-se «à lenga-lenga estabelecida e oposta à tese reaccionária do milagre e do sobrenatural». O que significava, por outras vias, o regresso ao combate, como já havia feito em 1907, o regresso à concepção de revolução que lhe pregava então o correligionário Floro Henriques: «Revolucionar não é só ensinar, é educar, é modificar o *substractum* intelectual e moral da massa que nos afronta».

<sup>54</sup> Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, *Hospedarias militares e hortos regimentais*, «Revista Lusitana», 84, 1932, p. 140-168.

<sup>55</sup> Narra Belisário Pimenta, talvez por 1949, ao iniciar as suas memórias, que António Baião, contava-se, havia criticado o *Brás Mascarenha*, de António de Vasconcelos (1922), «como uma espécie de tiro de canhão aplicado a um pardal». O que o levou a escrever: «Isto é injusto e além disso o Baião não tem autoridade para tal comentário porque nunca passou de um investigador minucioso, sem capacidade para trabalho de síntese ou de crítica geral; é pouco mais do que operoso e consciencioso «rato de arquivo».

<sup>56</sup> A influência da nascente escola dos «Annales» parece ter sido pressentida ou mesmo aceite. Tanto Lucien Febvre como March Bloch, assassinado em 1944, eram bem conhecidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a julgar pelo que escreveu Torquato de Sousa Soares no vol. II da «Revista Portuguesa de História», cujo I vol. data de 1940/41. Belisário Pimenta, por seu lado, escreveu: «A pouco e pouco, leitura de livros, especialmente franceses, foram-me abrindo os olhos; os vultos históricos começaram a aparecer-me com mais fácil compreensão e os sucessos militares a serem interpretados a luz para mim, até então, desconhecida [...]».

Esta via, porém, como considera Belisário Pimenta, em Novembro de 1934, em carta a um camarada, constituía, quando aplicada à história militar, «heresia lançada às nossas heróicas tradições e nossas virtudes superiores da raça». Concluía, por isso, e com razão, «que são trabalhos que não podem sair nestes tempos de nevoeiro»<sup>57</sup>.

O estudo sobre Nuno Alvares, chefe militar, foi primeiramente apresentado como conferência, na Torre de Almedina, no espaço da Universidade Livre, e foi posto à venda, sob a forma de livro, em 1933. Apolícia apreendeu a edição, mas depois a Comissão de Censura autorizou a venda, cuja tiragem, de 3 000 exemplares, se esgotou em pouco tempo, como informa o próprio autor na sua bibliografia que corre impressa.

O desagravo a Nun'Alvares, luzeiro da mocidade nova, não se fez esperar. Não importa, para aqui, estudar o facho que outra «teoria» acendeu. Interessa-me apenas evidenciar que Belisário Pimenta tem uma nova maneira de encarar a história militar, a história vivificada pelas ideias. Em certos círculos da hierarquia militar, Belisário Pimenta começa então a ser conhecido pelo Pimenta das ideias<sup>58</sup>. Em má e em boa hora. Em má, porque a sua história das ideias vai contribuir para que reprove no exame do generalato, ao pretender sobrepor à rotina dos regulamentos táticos e estratégicos o dom criador do chefe. Em boa hora, porque daqui em diante, passando à reserva, com tempo livre e necessidade de se afirmar, incansavelmente trabalhará e investigará fora da Universidade, antecipando-se-lhe, sobre a história das ideias. É também o período de larga convivência intelectual que lhe permite a sociabilidade das conferências e exposições, que assiduamente frequenta, e as múltiplas recensões bibliográficas que publica.

<sup>57</sup> Em carta a José Pereira Duarte, datada de 8 de Novembro de 1934, onde começa por anunciar: «Penso em interpretações da nossa história militar algum tanto diferentes das dos historiadores oficiais [...]». Em 4 de Agosto de 1940, por sua vez, informava: «cá ando na construção do edifício das ideias militares em Portugal; está quase no telhado, mas tem-me custado bastante». Em 20 de Setembro de 1940, por sua vez, informava um amigo, a propósito de «Os comandos no século XVII»: «esse trabalho é derivado de um largo plano que tenho há muito relativo às ideias militares entre nós e consequente valor dos comandos».

<sup>58</sup> No dia em que fez 75 anos (3 de Outubro de 1954), relembrou, a propósito do «Pimenta das ideias»: «Quero crer, até, que eles não compreenderão o que seja história das ideias e que se satisfazem, mesmo por alto, com essa crônica história que vulgarmente se ensina; e daí a ironia de misturar com algum desdem que transparece no âpodo que me lançam [...]».

9. Belisário Pimenta, como confessa, não sabia muito dos assuntos táticos e estratégicos que lhe saíram na prova escrita para a promoção ao posto seguinte a coronel. Como sempre afirmou, foi um cábula em todos os graus de ensino. Belisário Pimenta era bom, era superior aos outros, precisamente nas matérias que lhe agradavam, que eram as da sua fantasia. Não admira, por isso, que, na prova de acesso ao generalato, considerasse que precisamente o que lhe dava valor era o saber pouco dos regulamentos. O que seria preciso, no seu entender, era ter cultura para abranger os problemas que no terreno surgissem. Não é com regulamentos, com rotinas, mas com o dom criador que as batalhas são ganhas<sup>59</sup>. E cultura e capacidade de invenção não lhe faltavam. Não entendeu assim o júri: dois vogais votaram a favor e dois contra. E o presidente, que mantinha boas relações anteriores com Belisário Pimenta, desempatou com voto negativo.

Belisário Pimenta, ao desligar-se do activo militar, reencontra, agora, o caminho da sua história, precisamente no momento em que se tinha libertado da influência metodológica da juventude. Doravante, como escreveu a um amigo, em Junho de 1939, a comunicar-lhe a reprovação, a tarefa do resto da sua vida seria a de impor-se aos que o julgaram indigno de subir de posto, publicando para o efeito uma série de trabalhos «que eles não seriam capazes de fazer, nem compreender»<sup>60</sup>.

O projecto da história das ideias militares vinha amadurecendo já nos últimos anos. Belisário Pimenta pretendia historiar «os princípios e as ideias que nortearam os chefes e criaram ambiente para a formação da sua mentalidade». Ao mesmo tempo, propunha-se indagar «os princípios e ideias táticas e estratégicas, como também as teorias surgidas e debatidas relativas à defesa do país». Seria, assim, um estudo dos chefes - palavra-chave do momento -, que abrangeria uma vasta galeria, desde Nuno Alvares Pereira aos generais das lutas civis de oitocentos, passando pela Restauração. Integrá-los-ia no «ambiente perante as influências externas e internas e procuraria interpretar, dentro dos

<sup>59</sup> Como deixou escrito: «A função de comando implica, actualmente, o conhecimento de certo número de factores que intervêm muitas vezes em momentos inesperados e, por consequência, em condições de alterarem ou desfazerem o melhor plano. Esses factores são, em geral, de ordem psíquica e tratam-se, vulgarmente, por forças ou factores morais [...]».

<sup>60</sup> Como anotou criticamente: «O sr. General Oliveira Simões tem um trabalho sobra as armas nos Lusíadas (1932); mas é mais um trabalho de investigação minuciosa de técnica de armamento do que ensaio acerca de ideias». Referia-se à obra de José Maria de Oliveira Simões (1857-1944), *As armas nos Lusíadas*. Vila Nova de Famalicão: Tipografia Minerva, 1932.

sucessos, a sua mentalidade de condutores de tropas e até que ponto a sua cultura auxiliou ou a sua incultura prejudicou as qualidades militares que possuíam». Projecto de tombo, só por si, e sobretudo, considere-se, «por querer alterar o que está consagrado». Para mais, acentuava em 1936, sem títulos académicos, sem ter «pisado ladrilhos de certas universidades». E, naturalmente, como sempre, sem estímulos, com três ou quatro excepções ao longo da vida. «Indiferença, desconfiança e muitas vezes troca indiscreta» era o que costumava encontrar ao longo das suas canseiras de investigador.

A reprovação, em 1939, passando a constituir uma redobrada exigência de afirmação, deu-lhe novas energias para continuar a trabalhar, o que passou a constituir uma nova obsessão.

A primeira grande realização deste projecto começou a surgir em 1940, com o seu *Esboço da evolução das ideias militares em Portugal*, comunicação apresentada ao «Congresso de História da Actividade Científica Portuguesa», que reuniu na Universidade de Coimbra. As duas primeiras páginas da comunicação, tal como se encontra publicada (1942), são, de facto, um desafio. Ele próprio se encarregou, em Janeiro de 1941, numa carta a um camarada, de não deixar os créditos por mão alheia. Num tom triunfalista, dum tímido que pretende acabar com o medo de uma vez, escreveu: «aquelas paredes veneráveis da Universidade ouviram curta exposição de assuntos que ali nunca foram tratados e para os quais os ouvidos dos «docentes» de capelo e borla estavam virgens completamente. Não abriram a boca, coitados. E a verdade é que o caso foi quase uma desfloração». Na Faculdade de Letras, no grupo de História, não chegou sequer a haver, segundo creio, desfloração: a virgindade continuou, não obstante o esforço de penetração de novas vias que estavam em curso no início da década<sup>61</sup>.

A diferença entre as duas concepções de história de Belisário Pimenta foi bem marcada pelo amigo Floro Henriques, ao agradecer-lhe, em Fevereiro de 1946, a conferência sobre a batalha de Montijo: «os trabalhos anteriores, observa

<sup>61</sup> Cf. António de Oliveira, *As histórias da minha geração...* Belisário Pimenta emitiu diversas críticas quanto à investigação e ensino nas Faculdades de Letras. Uma delas, com data de 26 de Março de 1954: «Ouvi ontem à noite no Instituto Francês, a mulher do Miguel Torga, Andrée Crabbé Rocha, falar de Garrett como dramaturgo e homem de teatro [...]. E cheguei à conclusão que os diplomados de lá de fora vêm mais bem apetrechados para esses trabalhos de crítica interpretativa do que os nossos rapazes que frequentam essas tristes Faculdades de Letras onde impera o pesado Estado Novo:

Floro, são meticolosos carreamentos de material seleccionado, tamisado, provavelmente rebuscado e criteriosamente arrumado. São seguros e confiantes «marcos trigonométricos» para quem pretenda elaborar um «mapa» e panorama do momento histórico a que pertencem estes estudos. São valiosos, mais que valiosos, indispensáveis. [Mas, continua,] a grande maioria das pessoas apaixonadas pela cultura não se dedicam a escrever história. A esses interessam os trabalhos já elaborados onde os elementos informativos estejam revestidos pela crítica interpretativa de forma que o todo seja inteligível, harmónico, humano». Era este tipo de história, e não o primeiro, aconselhava o amigo, que pode levar a reflectir os comandos, cuja formação mental, [dizia,] eu suponho bem deficiente, apesar da presunção de que estão senhores da verdade absoluta em todas as coisas».

Belisário Pimenta, reforçando a sua opinião com o parecer do amigo, parte definitivamente para a história das ideias militares, a temática que lhe permitia ensinar os comandos que o reprovaram. Os seus estudos históricos sobre os comandos, de Nun'Alvares aos generais das lutas civis oitocentistas, são, efectivamente, uma apologética de si próprio, dado que as vitórias que historia não são obtidas pelo exacto conhecimento dos regimentos militares, mas pela capacidade dos chefes, como conclui sobre o herói de Montijo, escudando-se em Folard<sup>62</sup>: «os chefes verdadeiros nada devem ao acaso e pouco às suas tropas, mas tudo à sua capacidade». Conceito, aliás, acentua Belisário Pimenta, que já vem da Antiguidade. O que lhe dava razão quando insistia na necessidade de um maior estudo da história por parte da classe militar e, obviamente, tornava injusta a exclusão do generalato de um homem que defendia, para além dos regulamentos, a necessidade de criar e executar um «sistema», no qual impere a razão esclarecida e a vontade forte, capazes de se imporem nos momentos inesperados que «alteram ou desfazem o melhor plano»<sup>63</sup>.

<sup>62</sup> Jean-Charles de Folard, autor do século XVIII. Em 1937, pela mão de Albert Mirot, foram publicadas em a «Revue des Études Historiques», Abril-Junho de 1937, p. 129-159, *Lettres du chevalier de Folard a Nicolas Desmaretz, sur les affaires d'Italie pendant la guerre de la succession d'Espagne (1740-1707)*. Há separata. Belisário Pimenta publicou, em 1940, *O problema dos comandos na guerra da Restauração*, «Revista de Guimarães», volume especial comemorativo dos centenários, p. 237-254. (É o n.º 283 da sua *Bibliografia...*).

<sup>63</sup> Uma das novas ideias talvez seja mesmo a de *sistema*, embora o defina fora da acepção filosófica. Uma definição do que entendia por «sistema» («Tudo se encadeia e coordena em certa harmonia») encontra-se no seu *Saldanha* (1957), p. 92-93 da separata, p. 336-337, da revista. O texto parece ser uma crítica ao exame que lhe fizeram para general. O prefácio está

Em defesa deste sistema, nas provas históricas da sua concepção de comando, trabalhou até o fio da vida se quebrar. Vida ensarilhada pela bizarraria do mundo, pela contradição do sonho dos homens e a acomodação à vida adulta.

A defesa maior, porque mais volumosa, do seu ponto de vista, através da história das ideias de comando, encontramos-na no seu *Marechal Saldanha*, de atribulada história editorial, o qual acabou por ser editado por esta Biblioteca em 1956, graças à intervenção amiga de Joaquim de Carvalho<sup>64</sup>.

A recusa da concessão de um subsídio, que Belisário Pimenta requereu ao Ministério da Guerra e a Comissão de História Militar informou, considerou-a o requerente devida, em última análise, à junção, «no quadro político que então se atravessava», do seu nome ao de Saldanha, «velho liberal e maçom». A ilação é verosímil, tanto mais que Belisário Pimenta, e outros autores, trabalhavam com propósito deliberado, que não o da ciência, o século XIX. A recusa, no entanto, parece-me que se deve antes ao que pelas múltiplas páginas, de modo explícito ou implícito, continuou a ensinar a esses senhores comandos do exame de 1939, incluindo o presidente do júri, agora também na presidência da Comissão de História Militar e académico de história, «incapaz de tomar uma decisão livre». E se é injurioso argumentar, para a não concessão do subsídio, como particularmente foi dito ao autor, segundo transmite, que a obra não estava à altura dos seus trabalhos históricos anteriores, havia alguma razão em considerar, pelo equívoco a que se poderia prestar a respectiva passagem, a equiparação de Saldanha a Napoleão, um outro defeito da obra que lhe foi apontado.

Foi, no entanto, o novo modo de certos autores encararem Napoleão, como os descobriu em 1902, na biblioteca do quartel de Infantaria 23, que acabou por encaminhá-lo para a história das ideias militares e, com elas, assegurar-lhe, para além da morte, um lugar no espaço das teias que separam os homens dos imortais que conseguem transpô-las pelas obras e feitos.

10. Vou concluir. A flor desenhada e gravada por Belisário Pimenta regressa hoje, como ex-libris da sua livraria, ao ponto de partida, a «esta Biblioteca ideal, nunca esquecida», se o poeta me permite o atrevimento.

datado de Março de 1948. De qualquer modo, não se deve esquecer que se ficou a conhecer *O Curso de Linguística Geral*, de Saussure, em 1916, nem que Claude Lévi-Strauss trouxe para a Antropologia, a partir de 1949, os modelos de análise estrutural.

<sup>64</sup> Belisário Pimenta, *O Marechal Saldanha, sua vida militar, suas ideias e métodos*. Coimbra: [s. n.], 1957. Separata de «Revista da Universidade de Coimbra», 18, p. 251-553.

No silêncio reconfortante em que se encerra, a flor que se fez vida, a flor da modéstia porque se transformou em investigação histórica, é a flor de uma vida de linha recta; e porque a recta nem sempre é a mais curta distância, Belisário Pimenta subiu serras, subiu montes, desceu vales; procurou a paz na guerra e a guerra lhe trouxe o silêncio dos arquivos e bibliotecas, marcos geodésicos da trigonometria do saber. Nesta cartografia, com a régua da rectidão do carácter e a cor modesta do sábio, colocou o autor as suas iniciais maiúsculas, muito grandes, da flor da juventude. Uma grande vida, afinal, é precisamente isto: «a realização, na vida adulta, de um sonho de juventude». Sem sonhos, sem fantasia, não há vida nem morte. E porque sonhou e sentiu, porque lutou e venceu, ultrapassando a teia da humanidade sem nome, aqui, nesta Biblioteca, colocou a sua memória sobre os livros que amou. Que seja para sempre!